

## DIARIO OFFICIAL

REPUBLICA FEDERAL

ORDEM E PROGRESSO

ANNO MCMII—5.º DA REPUBLICA—N. 352

CAPITAL FEDERAL

TERÇA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO DE 1893

## ACTOS DO PODER EXECUTIVO

DECRETO N. 1617—DE 25 DE DEZEMBRO DE 1893

Proroga até 31 de janeiro proximo vindouro o estado de sitio declarado pelo decreto n. 1602, de 29 de novembro ultimo

O Vico-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, considerando que ainda não cessou a grave commoção interna que tem determinado a suspensão das garantias constitucionaes em algumas partes do territorio da Republica, resolve, nos termos do art. 80 da Constituição, prorogar até 31 de janeiro proximo vindouro o estado de sitio em que, pelo decreto n. 1602 de 29 de novembro ultimo, foram declarados o Districto Federal e os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Capital Federal, 25 de dezembro de 1893, 5.ª da Republica.

FLORIANO PEIXOTO.

*Cassiano do Nascimento.*

Ministerio da Justiça e Negocios Internos

Directoria da Justiça

Por decreto de 23 do corrente, foram nomeados para a guarda nacional:

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

*Comarca de Pelotas*

3.º batalhão de infantaria

Tenente-coronel commandante, Anacleto da Costa Barcellos.

Estado-maior—Major-fiscal, Adalberto Lupi; Capitão-ajudante, Franklin Dias de Castro; Capitão-cirurgião, Dr. Alcides Geraldo da Silva;

Tenente-secretario, João Simões Lopes Netto;

Tenente quartel-mestre, Thomaz Moreno. 1.ª companhia—Capitão, Augusto Leão Pinheiro;

Tenente, Sebastião Planella; Alferes, Viriato Donellas Vargas e Francisco da Silva Barcellos.

2.ª companhia—Capitão, Demétrio Chagas; Tenente, Demócrito Rodrigues da Silva; Alferes, João Alves de Moura e José Casanovas Filho.

3.ª companhia — Capitão, Francisco José Garcia;

Tenente, Junius Brutus Cassio de Almeida Filho;

Alferes, João Manoel Brochado e Helcodoro Rodrigues Barcellos.

4.ª companhia — Tenente, José Ozimo de Aquino;

Alferes, Joaquim Raymundo Gomes Junior e Francisco José de Souza Bravo.

9.º batalhão de infantaria

Estado-maior — Capitão-cirurgião, Dr. Antero Victoriano Leivas;

Tenente-secretario, Mathias José de Freitas Guimarães.

1.ª companhia — Alferes, Antonio Xavier Nunes Vieira.

2.ª companhia—Capitão, Pedro Voholt.

3.ª companhia—Alferes, Marcellino Ferreira de Andrade.

4.ª companhia—Tenente, Alfredo de Oliveira Guimarães;

Alferes, Francisco de Paula Macedo e Anibal Bernardo da Silveira.

## SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio da Marinha

*Epediente do dia 6 de dezembro de 1893*

Ao Tribunal de Contas, transmittindo, para pagamento, a relação e facturas, na importância de 146:119\$915, de que são credores diversos negociantes pelo fornecimento de artigos ao Arsenal e Hospital de Marinha, nos mezes de abril a agosto, outubro e novembro do corrente anno.

—Ao capitão de mar e guerra João Justino de Proença, determinando que obtenha, com urgencia, planos, propostas e mais esclarecimentos das firmas Armstrong, Canet e Krupp, relativos a artilharia de que necessitam os reductos do encouraçado *Riachuelo*, enviando tudo a este ministerio para que se possa resolver a respeito.

—Ao Quartel General, declarando que a Alfandega do estado do Pará se acha habilitada a satisfazer a despeza que resultar com a aquisição dos tollos, destinados ao aviso *Tejé*, requisitados pelo commandante do mesmo aviso, por effeito n. 131 de 27 de setembro do corrente anno e pelo mesmo quartel-general transmittido á secretaria de Estado.

—Ao Ministerio do Fazenda, remetendo o mappa explicativo dos creditos que devem ser distribuidos aos estados e á Capital Federal para as despezas a realisarem-se no proximo futuro exercicio de 1894, conforme solicitou o mesmo ministerio.—Communicou-se á Contadoria e á Imprensa Nacional, remetendo-se as tabellas da distribuição dos referidos creditos para serem impressas.

—A' Contadoria:

Autorisando o pagamento das tres contas que se lhe remettem, apresentadas pela companhia *Western Brazilian Telegraph, limited*, na importancia total de 2:730\$567, preventivas de telegrammas expedidos desta capital, por conta deste ministerio, para o Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Buenos Aires, e vice-versa, durante os mezes de julho e agosto do corrente anno;

Autorisando o pagamento da differença de vencimentos solicitado pelo escrevente da directoria de meteorologia João Baptista de Magalhães.—Communicou-se á Repartição da Carta Maritima;

—Ao Quartel General, determinando que providencie para que no Arsenal de Marinha do estado de Pernambuco sejam suppridas 100 cadernetas subsidiarias, conforme requisitou.—Communicou-se ao Commissariado Geral da Armada e ao Arsenal do Marinha do estado de Pernambuco.

—A' Contadoria, autorisando a entrega á ex-praça do Corpo de Marinheiros Nacionais João Baptista Bezerra da importancia do peculio que fez quando aprendiz da Escola de Aprendizes Marinheiros do estado de Pernambuco, e como consta da respectiva caderneta, cujo valor já foi liquidado e se acha escripturado na mesma contadoria.—Communicou-se ao Quartel-General.

—Ao Ministerio da Fazenda, declarando que, conforme solicitou por aviso n. 61 de 22 de outubro ultimo, ao official-maior da extincta secretaria de Estado do mesmo ministerio Verissimo Julio de Moraes serão facultados todos os esclarecimentos de que necessitar, por intermedio das respectivas secções desta secretaria, para a commissão de que se acha encarregado.

—A' Contadoria, autorisando:

O pagamento a Ermelinda Maria dos Santos, viuva do marinheiro nacional invalido e asylo João Rufino do Bomfim, dos soldos a que tem direito, uma vez que ella prove sua identidade.—Communicou-se ao Quartel-General.

A restituição devida ao carpinteiro de 1.ª classe da brigada de artifices militares Jeronymo José da Silva da importancia com que contribuiu para o monte de pensões quando operario do Arsenal de Marinha desta capital.—Communicou-se ao Quartel General.

—Ao Ministerio da Fazenda, transmittindo, para tomar na consideração que merecerem, os papeis relativos ao requerimento em que Idalina Elea Chastinet reclama o meio sollo e montepio deixados por seu fallecido filho o commissario da armada Antonio Chastinet.

—Ao Ministerio das Relações Exteriores, transmittindo, para terem o competente destino, as medalhas e diplomas da campanha do Paraguay, a que fizeram jus D. Britaldo Palacios e major de artilharia D. Pedro A. Charvarria.

—Ao Supremo Tribunal Militar, enviando a provisão de reforma do carpinteiro de 2.ª classe da brigada de artifices militares José Gomes de Carvalho, affirm de ser apostillado o tempo de effectivo serviço de seis annos, 11 mezes e 25 dias, mandado contar por aviso de 6 de novembro ultimo.

—Ao chefe do estado-maior general da armada:

Declarando que o sub-ajudante de machinista extranumerario Frederico Jorge Ferreira deve ser considerado desertor, rescindindo-se o respectivo contracto.—Communicou-se á Contadoria.

Autorisando a mandar desligar da Escola de Aprendizes Marinheiros do Pará o menor Manoel Joaquim de Souza, julgado incapaz do serviço.

Approvando o contracto celebrado pelo commandante do encouraçado *Bahia*, com o pratico Peccme para, mediante £ 40, conduzir aquelle navio de Assumpção a Montevidéo.—Communicou-se á Contadoria.

—Ao corpo de engenheiros navaes, transmittindo o *Memorial de l'artillerie de marine*, 4.º fasciculo, n. 68, publicado pelo governo francez.

—A' Contadoria:

Mandando abonar a ajuda de custo de 150\$ a que tem direito o commissario de 4.ª classe Miguel Fortunato de Mello, por haver sido nomeado para servir na Escola de Aprendizes Marinheiros, no Ceará;

Permittindo que a ex-praça do corpo de Marinheiros nacionaes Raymundo Baptista de Souza continue a contribuir para o Asylo de Invalidos, nos termos do aviso regulamentar de 11 de outubro de 1872, na qualidade de cozinheiro da Escola de Aprendizizes Marinhoiro do estado do Ceará.

Ao ministro da guerra:

Declarando que o Arsenal de Marinha de Pernambuco pôde incumbir-se do fornecimento dos escaleres de que trata o aviso desse ministerio de 10 do mez proximo passado, convido que sejam enviadas a esta secretaria de Estado as competentes dimensões;

Respondendo ao aviso de 27 do mez proximo passado, declara que a equiparação de honorarios de que trata para os operarios do Arsenal de Marinha que trabalham no da Guerra é prejudicial aos mesmos operarios.

Ao chefe de estado-maior general, communicando que o 1.º tenente Antonio Julio de Oliveira Sampaio é exonerado do logar de ajudante do corpo de alumnos da Escola Naval e deve apresentar-se nesse quartel general. Communicou-se ao director da Escola Naval.

Ao contador da marinha, autorizando:

A providenciar com urgencia para que o aspirante José Francisco Brandão Cavalcanti tenha passagem até Pernambuco no vapor *Napoli*;

A abonar ao machinista contractado Justiniano Antonio de Jesus a importância que marca alli para fazer uniformes;

Mandando adeantar dous mezes dos respectivos vencimentos, para fazer uniformes, ao contra-mestre da officina de torneiros Ovidio Leandro, para indemnisar, na forma da lei.

Ao inspector do Arsenal de Marinha da Bahia:

Mandando submeter á inspecção de saúde o fiel do almoxarifado desse arsenal Eduardo Córte, que pediu tres mezes de licença;

Communicando que, a respeito dos concertos dos predios desse arsenal, exarou-se o seguinte despacho: Aguarde-se oportunidade.

Ao do de Matto Grosso, approvando a construcção de uma latrina com duas divisões para uso dos moradores das casas de residencias dos directores de construcção naval e de machinas e autorizando pagamento da despeza de 402\$682, pelo saldo existente no credito de 3:283\$693, concedido por aviso de 3 de julho ultimo, verba—Obras.—Communicou-se ao delegado fiscal do Thesouro, em Matto Grosso, e á Contadoria da Marinha.

Ao capitão do porto do estado do Maranhão, declarando que deve providenciar para que seja remettido para a Capital Federal o escaler que deve ser empregado no serviço externo do pharol de Cabo Frio.—Communicou-se ao chefe da Carta Maritima.

Ao capitão do porto do Piahy, declarando que o augmento de dous remadores pedido para o serviço dos escaleres dessa capitania não pôde ser concedido, porquanto a lei de orçamento não consigna fundos para attender a tal despeza.

Ao director da praticagem do estado do Rio Grande do Norte, transmittindo a portaria de licença por tres mezes concedida a Pedro Paulino dos Santos, pratico-mór da barra do Rio Grande do Norte.

Ao contador da marinha, autorizando a mandar adeantar ao operario do 2.ª classe da officina de carpasinas um mez de vencimentos, mediante fiança idonea e indemnizando a Fazenda Nacional, na forma da lei.

## Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas

Directoria Geral das Obras Publicas

Por portaria de 25 do corrente, foram concedidos ao telegraphista, da 3.ª classe da Repartição Geral dos Telegraphos Joaquim Alves Rangel dous mezes de licença, com vencimentos, na forma da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier.

Directoria Geral das Obras Publicas

Expediente de 25 de dezembro de 1893.

Declarou-se ao governador do Paraná, em resposta ao seu telegramma relativo á construcção de uma linha telegraphica entre Lapa e Rio Negro, e ao lançamento de um cabo submarino ligando a fortaleza da Barra a Paranaguá, que este ministerio aguarda o futuro exercicio para autorisar taes serviços.

— Accusou-se o recebimento do officio do engenheiro-fiscal da companhia *City Improvements*, relativamente á prisão do subdito inglez Austin Writtaker, chefe de officina da mesma companhia, e declarou-se que nenhuma providencia tem que ser tomada por este ministerio, visto estar o objecto de que se trata affecto ao da justiça e negocios interiores.

— Ao inspector do 5.º districto dos portos maritimos, declarando ficar approvada a planta apresentada pela companhia Docas de Santos, sobre a disposição dos cinco armazéns ns. 3 a 7 que tem de ser construidos pela dita companhia, na forma do decreto n. 74 de 21 de março de 1891.

— Remetteu-se ao director-geral dos Telegraphos, para informar, um telegramma dos empreiteiros Nogueira & Filhos, relativamente á construcção da linha telegraphica entre Viçosa e Ibrapina, no estado do Ceará.

## Requerimentos despachados

Dia 25 de dezembro de 1893

— Acacio Buarque de Gusmão Filho, praticante da Directoria Geral da Estatistica, pedindo prorogação da licença em que se achou até 16 de novembro ultimo.— Indeferido, á vista da deficiencia do atestado medico.

— Bastos & Brito e outros, proprietarios das carroças contractadas pela Inspeção Geral das Obras Publicas para o serviço da limpeza das galerias e collectores de aguas pluvias, pedindo augmento do aluguel das ditas carroças.— Não podem ser attendidos.

— Bellarmino Luiz Torres, guarda effectivo do 2.º districto da Inspeção Geral das Obras Publicas.— Não pôde ser attendido.

— Pedro Augusto de Vasconcellos, pedindo ser nomeado para o logar de secretario da inspectoría do 5.º districto dos portos maritimos.— Não pôde ser attendido.

— José Moreira Neves, ex-empresario da construcção do plano inclinado do morro de Santo Rodrigues, pedindo pagamentos pelo aluguel do terreno por onde passa o dito plano inclinado, por ter sido rescindido o seu contracto.— Indeferido.

## REDACÇÃO

### A sociedade mexicana e o futuro economico do Mexico

(Continuado do n. 349)

#### VIII

As mesmas causas sociais que, na Inglaterra, até ao reinado de Elisabeth, entregavam todo o commercio aos negociantes italianos, flamengos e hanseaticos, que, nos seculos XVII a XVIII, asseguravam identica preponderancia aos genovezes no reino de Napoles, as mesmas causas, dizemos, fazem com que no Mexico o commercio seja quasi exclusivamente exercido pelos estrangeiros. Os natu-  
raes o desdenham ou mostram pouca aptidão para essa carreira.

Sociedades de beneficencia nacionaes aggre-  
miam os negociantes estrangeiros, e na capital, tem igualmente cassinos particulares. Cada colonia tem sua physionomia especial. Os hespanhoes naturalmente salientam-se. Segundo estatistica feita por seu governo, a 31 de dezembro de 1887, seu numero elevava-se a 9.553: mas as mulheres e as crianças não se achavam comprehendidas nesse total e suppõe-se que muitos hespanhoes não se

deram ao trabalho de inscrever seus nomes na legação; os dous grupos mais importantes são: o de Vera Cruz, com 2.623 individuos e o de Mexico, com 2.139. Em geral são filhos da Catalunha, da Andaluzia, das Asturias e da Gallicia, e tendem a grupar-se segundo suas origens provinciaes. Commercio, principalmente em especiarias e emprestam dinheiro sobre penhor. Enriquecem rapidamente, e os que tem alguma educação com facilidade casam-se nas familias abastadas. O prestigio do sangue hespanhol e a identidade da lingua dão-lhes vantagem incalculavel sobre os demais estrangeiros. As mesmas razões sem duvida os auxiliam em uns generos de emprezas muitissimo lucrativas, os contractos com o governo federal, os governos dos estados e as municipalidades. Fallar a mesma lingua é condição essencial para bem fazer-se comprehender. Como quer que seja, os immigrants hespanhoes adquirem avultadas fortunas: compram a maior parte das haciendas postas á venda, depois de ter emprestado dinheiros aos seus proprietarios individuos. Sentimento popular muito vivo existe contra elles e, annualmente, as festas da independencia fornece-lhes ensejo para manifestar-se contra seu *casino* no Mexico. São menos recordações irritantes do passado, do que magoas economicas presentes que causam essa antipathia, muito analoga ao antisemitismo europeu. Mas os filhos desses immigrants fundem-se na população e a riqueza legitima muita cousa em um paiz que apenas sahe das revoluções e das confiscações.

A quinquilharia e brinquedos pertencem aos allemães. Na mercearia e no commercio de fazendas foram eliminados pelos francezes; apezar da barateza de seus productos, a má qualidade e o má gosto os prejudicaram.

Os inglezes e os americanos entregam-se de preferencia ás emprezas industriaes e ás explorações de minas. São menos aptos do que seus concurrentes europeos no commercio a retalho, e no Mexico, sempre o reúnem ao commercio de importação. O paiz não está bastante adeantado para que a differenciação entre os dous generos de commercio se tenha produzido. Os importadores vendem a retalho nas grandes cidades; os pequenos negociantes do interior fazem sortimento comprando a prazo de seis mezes ou de um anno, pagando 12 por 100 de juros.

Os suissos e os belgas são representados por pequeno numero de casas respeitaveis; fazem parte das sociedades de beneficencia francezas. Os 4000 a 5000 francezes estabelecidos no Mexico formam uma colonia notavel pelo seu espirito emprehendedor. Quasi a metade reside na cidade do Mexico, onde predomina o elemento cosmopolita. Comprehende certo numero de industrias de luxo, especialmente casas de modas. E' no commercio de fazendas que adquiriram preponderancia incontestavel. Impuzeram o gosto francez á sociedade. Em dia do festa, o recinto do *theatro nacional*, tem aspecto quasi pariziense. Enorme armazem edificado pelo modelo do *Bon Marché* e explorado segundo seus methodos, *El palacio de Hierro*, é hoje uma das curiosidades da capital azteca. Muitas gerações de negociantes ahi se tem enriquecido. Todas as grandes cidades, Guadalajara, Puebla, S. Luiz de Potosi, Coahuila, contam colonias francezas bem organisadas e poucas são as cidades de segunda ordem nas quaes não se encontre alguma casa franceza.

A maioria dos negociantes francezes estabelecidos no Mexico são filhos do valle de Barcelonnette, e por isso são geralmente conhecidos por esse appellido. Em 1821, um tal Armand, nascido nesse valle, um dos mais pobres dos Alpes provençaes, foi ao Mexico tentar fortuna e adquiriu-a. Seus irmãos, sobrinhos, vizinhos seguiram o mesmo ramo uns após outros e assim estabeleceu-se pouco a pouco uma corrente emigratoria. Os rapazes começam a vida como caixeiros de seus compatriotas, segundo antigo costume hoje infelizmente não seguido em França, moram e comem em casa dos patrões. Estes, de interesse no negocio aos mais capazes e dentre elles sahe o

futuro chefe da casa. Alguns francezes casam-se no Mexico, a maior parte, porém, no paiz natal. Muitos, tendo obtido fortuna, fixam-se em Paris ou Marselha. Restauram a velha casa paterna, situada na encosta da montanha, e ali passam o verão. O viajante que atravessa essas regiões admira-se de descobrir semeadas pela montanha algumas vilas com terraço e pintadas com cores vivas, segundo o gosto mexicano. Augmentam o bemestar da população e suas compras mantem preço elevado, relativamente ao que valiam essas terras pouco férteis.

O successo desses barcelonnettes é devido ao seu infatigavel trabalho, á sua economia, á sua proverbial honestidade de commercial, emfim á criteriosa escolha de seus empregados. Evitam tomar para caixeiros francezes de outras procedencias, cujos habitos differem dos seus.

Esse habito de trabalho que os distingue é devido ao regimen domestico religiosamente observado nesse canto perdido dos Alpes. Um dos filhos da casa se encarrega do dominio paterno e seus irmãos e irmãs se contentam com a parte que lhes cabe indicada no testamento dos paes. Sob tal clima não seria possível partilhar a casa, os estabulos e os pastos que formam um todo, sem destruir o patrimonio. Os outros filhos emigram para Marselha, ou para o Mexico, conscios de que ali mais facilmente encontrarão elementos para fazer carreira.

Em geral, são felizes, emquanto o herdeiro labuta rudemente, tendo apenas a esperanza de algum dia ver um dos filhos socio do tio do Mexico. Graças á essa organização domestica, uma raça sadia mantem-se no alto valle: as familias contam muitos filhos, os moços destinados á emigração aprendem cedo a energia e a economia; e a França conta no estrangeiro um grupo de negociantes que garantelhe exportação regular para os productos de sua industria de luxo.

Os barcelonnettes gosam de muita consideração. Comquanto, em razão de seus habitos e educação, não se misturem tanto como os demais estrangeiros á população, apreciam vel-os fugir a todos os negocios com o governo e não serem *contratistas* como os hespanhóes e americanos. Fundaram por associação a fabrica de tecidos do Rio-Blanco, perto de Orizaba, que aproveita uma queda hydraulica de 1.400 cavallos, e acha-se montada como as grandes fabricas europeas. Seus productos fazem concorrência aos productos similares da França. O regimen proteccionista, que a França acoroça por todo o mundo pelo seu exemplo, terá como resultado restringir suas exportações aos seus productos de luxo.

## IX

Ha cerca de vinte annos, a industria manufactureira no Mexico era unicamente representada pelas artes e officios que só podem ser exercidos no lugar de consumo e por algumas fabricas de tecidos de lã e de algodões grosseiros nas familias dos indios. Só o couro era trabalhado com esmero. Guanajuato e Silão conservaram suas fabricas de couros muito notaveis. A sellaria mexicana não tem rival. O fabrico de charutos e cigarros, que é verdadeira necessidade nacional, mesmo entre as mulheres, tem sido muito aperfeiçoada.

Mas o Mexico tem pretensões a ser um estado manufactureiro e, lutando com difficuldades para augmentar suas rendas fiscaes, a elevação da tarifa aduaneira se calou aos olhos da população sob o pretexto de desenvolver as industrias nacionaes! Estabeleceram-se fabricas de manufacturas textis nos logares em que é possível aproveitar as quedas de agua como força motriz. Em 1889, contavam-se 121 manufacturas de lã e de algodão. Algumas, taes como a Companhia del Hercules perto de Queretaro, a Estrella perto de Parras, a Belém perto de Durango, a Reforma perto de Guanajuato empregavam de 500 a 900 operarios. Continuum a estabelecer outras. A grande maioria compõe-se de pequenas fabricas hydraulicas que occupam de 150 a 200 operarios de ambos os sexos e de

todas as idades. Em geral dispõem de machinismos aperfeiçoados importados de França, de Inglaterra e da Belgica. Porém hoje abastecer completamente as classes populares. E' pois mercado quasi fechado aos algodões communs da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Além das fabricas de textis, contam-se cerca de seis papelarias. Recentemente estabeleceram-se algumas fundições de chumbo argentifero e de ferro nas estradas do norte.

Os salarios industriaes são sensivelmente superiores aos da agricultura, porém muito inferiores aos dos Estados Unidos e da Inglaterra. Variam entre 75 e 37 centavos por dia para os homens, 75 e 25 centavos para as mulheres e 37 e 20 para aos adolescentes. As differenças dependem das provincias. Nos estados do norte e no de Vera-Cruz, os salarios são quasi o duplo dos da costa do Pacifico e dos estados do sul. Os artistas tem naturalmente salarios mais elevados; são em geral da raça indigena, pura ou mestiça que mostram muita aptidão para assimilar-se aos processos technicos e fornece o pessoal de todas essas fabricas. Alguns directos de raça ou de origem europea bastam para dirigir-as.

Os dias de trabalho são muito longos: 14 horas e ás vezes mais! Felizmente, são rigorosamente guardados os domingos e os dias santos, e as fabricas, situadas no campo, são em geral salubre. As *grèves* são frequentes, mas terminam-se rapidamente e parecem não ter envenenado as relações entre patrões e operarios.

O exemplo da industria mexicana actual mostra o erro de encontrar nos salarios reduzidos uma condição de superioridade commercial. Acompanham sempre um estado economico atrazado e tambem os erros da organização social. Actualmente, em razão do peso enorme dos impostos que gravam a industria e o commercio, os fretes elevados de transporte e da tarifa aduaneira, tudo é produzido muito mais caro no Mexico do que na Europa e mesmo nos Estados Unidos.

O desenvolvimento manufactureiro do paiz tem como condição a descoberta de jazidas carboníferas e o estabelecimento de uma rede de estradas de ferro, cujas tarifas não sejam excessivas.

Em resumo, o Mexico apresenta aos capitães europeos e aos homens de iniciativa vasto campo e fecundo emprego de capitães. Poucos paizes novos os tem em tanta abundancia. Cumpre escolhê-los com criterio e sempre levar em linha de conta o clima e a constituição social.

CLAUDIO JANNET.

### Tendencias geraes da phylosophia na segunda metade do seculo XIX

(Continuado do n. 351)

## III

Em face dos resultados positivos das sciencias, da constituição de uma psychologia de orientação bem diversa da dos Escocezes e, sobretudo, do trabalho de exploração e sondagem intellectual do criticismo, que, depois de Kant, tomara uma actividade e direcção novas, o velho espiritualismo, ao qual sem desacato ousaremos chamar mythologico, não podia manter-se.

O seu dualismo, renovado de Descartes, tornara-se, no tocante á sua concepção da materia, insustentavel perante a physica moderna: no outro pólo desse dualismo, o seu Deus real e pessoal, abalado pelas sciencias da natureza, cahia ás mãos do criticismo, que não podia ver nelle mais do que uma idéa pura — a « categoria do ideal », segundo Kant — e o tipo da vida espiritual.

A mesma analyse despojava a alma daquella personalidade realista, com que só a imaginação primitiva a dotara, e que os espiritualistas apenas subtilisavam e refinavam, mantendo-a no fundo, quando definiam a alma como uma substancia *sui generis*, um sér espiritual opposto a um

sér material, e só momentaneamente (e incompreensivelmente) a elle ligado. O criticismo, porém, assim como a nova psychologia não podiam ver na alma essa substancia de natureza excepcionalissima e todavia real, mas apenas a unidade, quando não simplesmente a somma dos factos intimos da consciencia.

O influxo do Kantismo é bem sensível em todo esse processo de dissolução do velho espiritualismo. E' o seu subjectivismo e a sua inexoravel analyse que deitam abaixo, como pulverizado, o realismo dogmatico em que se apoiavam as *substancias* e os *principios* dos novos escolasticos. Todas essas entidades phantasticas são reduzidas a um facto unico, a uma unica realidade: a consciencia. Através da poeira de muitas discussões, creio que é este o resultado liquido da evolução da psychologia e do criticismo nos ultimos 40 annos.

Desfeitos assim os mythos em que se substanciara, cahiu pois aniquilado o espiritualismo? Não cahiu. Sofreu uma crise profunda, mas sahio della renovado e mais sólido. A consciencia, que aquella nevoa mythologica obscurecia envolvendo-a appareceu mais nitida: reduzida a um facto intimo, esse facto ficou inabalavel e soberano. A difficuldade capital, que surgia irresistivelmente da concepção realista da alma — a união incompreensivel de duas substancias radicalmente diversas e a dependencia em que a alma está do organismo — essa difficuldade desapareceu com aquella personificação que a gerara. Neste novo terreno, assim limpo da antiga vegetação parasita, a realidade e autonomia do espirito não offerecem já lado algum vulneravel, tanto faz ao scepticismo como ao materialismo. Ao scepticismo oppõe a nova doutrina espirituaesta o testemunho da consciencia, e não precisa de mais. Ao materialismo oppõe a impossibilidade racional de fazer sahir da materia, não se diz já uma idéa ou uma volição, mas o facto de consciencia mais elemental, uma simples sensação. A accumulção de extensão não pode dar sinão extensão: a accumulção de movimento não pode dar sinão movimento. Do mesmo não se pode extrahir sinão o mesmo, nunca o diverso.

Ora, na mais elemental sensação há já applicada alguma cousa que não é a extensão nem o movimento, que não é, por consequente, materia. Assim pois, não só é impossivel extrahir da noção da materia (extensão e movimento) a noção de espirito, mas o mesmo ponto de partida do materialismo, a sensação, que elle toma confiadamé na sua forma concreta, como si fosse um dado simples e irreductivel, presuppõe e envolve um estado mais intimo e profundo do ser, presuppõe essa realidade de ordem e comprehensão superior, que é o espirito. Neste sentido, o materialismo pode dizer-se a confirmação e até o melhor argumento do espiritualismo.

Laplace, em uma pagina justamente celebre do seu *Ensaio Philosophico sobre as probabilidades*, exprime-se assim: « Os acontecimentos actuaes tem, com os precedentes, uma ligação fundada sobre este principio evidente: causa alguma pode começar de ser, sem uma causa que a produza. Este axioma applica-se ás acções ainda as mais inifferentes. A vontade a mais livre não pode dar-lhes nascimento sem um motivo determinante; porquanto, sendo todas as circumstancias de duas posições exactamente as mesmas, si a vontade actuasse em um caso e no outro se abstivesse de actuar, a sua determinação seria um effeito sem causa.

A opinião contraria é uma illusão do espirito, que, perdendo de vista as razões fugitivas da determinação da vontade nas cousas indifferentes, acaba por se persuadir de que ella se determinou por si mesma e sem motivos. Devemos pois encarar o estado presente do universo como effeito do seu estado anterior e como a causa daquelle que se lhe ha de seguir. Uma intelligencia, que, em um momento dado, conhecesse todas as forças que animam a natureza, e a situação respectiva dos séres que a compõem, se além disso fosse assás poderosa para submeter esses dados á

analyse, abrangeria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos átomos os mais ténues: nada para ella seria incerto, e futuro como passado seria a seus olhos presente. O espirito litíma offerece na perfeição que conseguiu dar á astronomia um leve esboço desta intelligencia. As suas descobertas em mecnica e em geometria, conjunctamente com a da gravidade, tornaram-lhe possível comprehender nas mesmas expressões analyticas os estados passados e futuros do systema do mundo.

Aplicando o mesmo methodo a outros objectos dos seus conhecimentos, conseguiu reduzir a leis geraes os phenomenos observados e prever aquelles que, em dadas circumstancias, se deve produzir. Todos os seus esforços na pesquisa da verdade tendem a approximar o sem cessar da intelligencia que acabamos de conceber, mas da qual ficará sempre infinitamente afastado. Esta tendencia racional da especie humana é o que a torna superior aos animaes; e os seus progressos neste genero distinguem as noções e os seculos e fundam a sua verdadeira gloria.

O illustre mathematico e astrónomo, definindo admiravelmente nesta pagina o ideal e a mais alta potencia do conhecimento mecano, marcou ao mesmo tempo, não com menor precisão, a natureza e os limites desse conhecimento. A intensidade, a direcção e o encadeamento das forças que em um dado momento actuam no universo, eis tudo quanto o mecano sabe; ou antes, quanto pôde assegurar a saber.

Ora, nessa prodigiosa cadeia de movimentos mathematicamente concatenados, o que o mecano ignora e ignorará sempre são as vontades, os pensamentos, os sentimentos, em uma palavra, a actividade interna de todos esses seres, elementares ou não elementares, arrastados no giro da causalidade mecnica. Por que cahiu esta pedra? Por que a sua energia passou do estado potencial ao de força viva? E porque passou? por que uma energia maior actuou sobre ella, desmanchando o equilibrio anterior. Mas que relação de verdade causalidade ha entre um facto e o outro? Por que actua uma força sobre outra força? Por que gera um movimento outro movimento? Que mysteriosa intelligencia é essa dos elementos mecanicos uns sobre os outros? E essa mesma energia, origem dos movimentos, de onde provem ella? Ha aqui um elemento fundamental e primordial—um facto intimo do ser—que a mecnica presuppõe mas que inteiramente desconhece.

Desconhecendo-o, tem de ignorar eternamente a relação que existe entre a natureza profunda dos seres e essas energias reaes, cujo desenvolvimento, as suas formulas comprehendem e avaliam rigorosamente, mas cuja origem absolutamente lhe escapa. Conhece pois a mecnica os movimentos, mas não a causa do movimento. Conhece as acções dos seres, mas não actividade interna que as produz. Conhece o universo como série de factos abstractos, não como série de realidades verdadeiramente substanciaes.

Ora, isso que a mecnica ignora—as verdadeiras causas, o ser intimo e a realidade substancial das cousas—é justamente o que conhece a consciencia. E conhece-o, não pelo mundo, mas por si mesma, porque só nella reside a noção do que não é sensível, mas que o sensível presuppõe, só ella tem a percepção immediata desse estrato mais fundo do ser, inacessivel da região superficial da pura sensibilidade.

O espirito, com effeito, não é já para a consciencia uma actividade obscura e indeterminada, percebida só por fora, só nas suas relações exteriores, como inero movimento e resistencia, mas uma actividade que se percebe no intimo do seu proprio ser, que mergulha nas profundezas da sua natureza e se possui na totalidade dos seus movimentos; é uma força consciente e na plenitude da sua realidade, a força typo.

Na consciencia temos o sentimento claro e evidente de que a nossa verdadeira individualidade é essa energia simples, autonoma e espontanea: sentimos que em esphera al-

guma do seu ser, ainda nas mais inferiores, em movimento algum do seu desenvolvimento, ainda nos mais elementares, o espirito é puramente passivo.

A espontaneidade é a sua essencia, e ainda as impressões exteriores que o modificam, modificam-no segundo as suas mesmas leis: uma sensação é uma modificação da sua substancia, assim como uma idea é uma modalidade dessa substancia, assim como uma volição é uma determinação do seu mesmo ser. O espirito percebe o universo; não adaptando-se a elle, mas adaptando-o a si.

O universo, tal como elle se nos representa, é, no fundo, uma criação do espirito: se existe para nós, é porque o concebemos: apparecemos, não reflectido na intelligencia, mas verdadeiramente visto nella. Todos os factos do universo accumulados não produzem uma idea.

Os factos são o ponto de partida das idéas, cuja virtualidade está no espirito: em si são inertes e inexpressivos. O que lhes dá a expressão e verdadeiro ser é a intelligencia, em cujas categorias entram, fundidos pela elaboração mental, como em outros tantos moldes, ordenando-se nellas e por ellas. O conhecimento é pois um facto intimo e proprio do espirito, e o universo conhecido o producto da sua espontanea actividade. E assim como o espirito é espontaneo na esphera do conhecimento, não o é menos na da vontade. Determina-se está em vista de motivos, mas não a determinam elles. Tem em si a raiz ultima das suas determinações. Ser causa é a propria essencia da vontade. Não há volição, ainda a mais elementar, que seja absolutamente passiva: a determinação da vontade nunca é assimilavel a determinação mecnica, porque tem um fim e esse fim (em ultima analyse) está nella mesma. Por detrás da determinação limitada está uma virtualidade illimitada.

O ser que alli momentaneamente se determina, obedecendo, dir-se-lia passivamente; a um motivo, é, em si, sempre identico consigo mesmo e não ha motivo algum, ainda no instante em que o determina, que o possa privar desta comunicação constante com a parte espontanea e infinita da sua natureza e impedi-lo de tender, seja por que caminho for, para a realisação do seu fim, que é a plena affirmação dessa natureza infinita. Assim como na esphera das idéas, assim tambem nesta da vontade o mundo objectivo não fornece ao espirito mais do que um ponto de partida e a occasião do seu espontaneo desenvolvimento.

O espirito é pois uma força espontanea: mas é, por cima disso, uma força consciente. E' esse o predicado que vem completar a sua plenitude e fazer d'elle a força typo. Conhecendo-se, possui-se na identidade fundamental de todos os seus momentos, vê-se na sua unidade e propõe a si mesmo o seu proprio fim.

Este conhecer-se tem grãos: é mais ou menos intimo: mas, ainda nos infimos grãos, a unidade do espirito apparece já, encerrando o mais elementar a virtualidade do mais pleno. Fazendo-se toda a evolução do espirito dentro da sua propria natureza e não sendo mais do que a gradual realisação de si mesmo em si mesmo, ha opposição entre as successivas espheras do seu desenvolvimento, nunca contradicção.

E' assim que o espirito, sem sahir de si, se cria e fecunda continuamente, penetrando-se cada vez mais com a sua propria essencia, extrahindo della, da sua infinita virtualidade, momentos cada vez mais complexos e ricos de ser, até atingir a mais alta consciencia de si. Reconhece-se então identico com o eu absoluto e independente de toda a phenomenalidade: concebe Deus como o typo da sua mesma plenitude, concebe e sente a vida moral como a esphera da realisação desse ideal. A realisação desse ideal apparece-lhe agora como o seu fim ultimo, aquelle de que os fins anteriormente propostos, limitados e transitorios, eram só imagem e preparação. Este fim ultimo, porém, sendo immanente, confunde-se com a perfeição do seu

mesmo ser: na attracção d'elle reconhece a causa de toda a sua evolução, que só para realisar-o tendia. Pela realisação d'elle é livre—livre na medida exacta em que o realisa—porque, quanto mais o realisa, mais realisa a potencia e a perfeição do seu proprio ser. Reunindo deste modo na sua unidade, agora consciente, a causa e o fim, a sua autonomia é completa.

Assim pois, segundo o nosso espiritualismo, o espirito define-se com uma força autonoma, que se conhece na sua intima natureza, que é a causa dos seus proprios factos e só as suas proprias leis obedece, que a essas leis submete os factos objectivos e só assim lhes dá significação e realidade, que a si mesmo determina o seu proprio fim, que existe em si e em si encontra a sua plenitude. Sendo a força autonoma, consentida e plena, é a força por excellencia, a força typo. O espiritualismo resolve-se pois em um dynamismo psychico, assim como o materialismo da philosophia scientifica da natureza se resolvera em um dynamismo mecano.

Na simples aproximação destes dous termos: dynamismo mecano e dynamismo psychico, estão indicadas ao mesmo tempo a posição actual do problema philosophico e a sua resolução. Si a synthese do pensamento moderno é possível, não pôde ella realisar-se senão neste terreno do dynamismo, que é justamente o da idea moderna fundamental, a idea de força. Partindo de polos oppostos e seguindo cada qual as suas naturaes tendencias; sciencia e especulação vêm encontrar-se em um mesmo ponto. Para uma como para a outra, o verdadeiro ser, a causa e substancia deste complicado mundo de apparencias é essencialmente força: um systema de forças é em que, para ambas, se resolve toda a realidade. Somente, emquanto para a sciencia essas forças são abstractas, cegas e passivas, são ellas para a especulação concretas, racionais e espontaneas. Por conseguinte: forças imperfeitas em um caso, perfeitas no outro. Ora, como é a força perfeita, que é o typo da força imperfeita, é esta naturalmente que tem de ser explicada por aquella: é a forma superior do ser, que fará comprehender a inferior, e não o inverso. O dynamismo psychico será pois a chave do dynamismo mecano. O espiritualismo dará ao materialismo o que lhe falta, completando-se, por esta insufflção do espirito na materia, a comprehensão ao mesmo tempo positiva e especulativa do universo.

Esta explicação da essencia occulta do mundo phenomenal pela essencia do espirito, potente na consciencia, é perfeita e legitima. Não é uma generalisação arbitraria, ou apenas mais ou menos plausivel, mas a forma rigorosa e completa do processo necessario de indução, que resulta da mesma constituição do nosso entendimento. Pensar sobre o fundo é já suppor nelló alguma coisa de fundamentalmente analogo aos principios da razão, é suppor o racional. Ora, esta supposição implica a da identidade fundamental do objecto e do sujeito. Supposição tambem, é verdade: mas supposição necessaria, absolutamente irresistivel, sem a qual não havia pensamento possível sobre a realidade, nem propriamente haveria realidade, e que por isso se não deve considerar como um problema (o famoso problema da certeza), mas com um facto ultimo, irreductivel e como tal, expressão da mesma natureza das cousas.

O «problema da certeza» não é propriamente problema, porque consiste em procurar a demonstração categorica de um facto primordial, que é indemonstravel no terreno da dialectica, mas que na espontaneidade da consciencia tem o caracter da evidencia. O puro subjectivismo de Kant, já atrás o disse, ou é nada, sendo meramente negativo, ou então envolve, como Fichte, Schelling e Hegel o entenderam, a affirmação e o que se poderia chamar a demonstração immediata e intuitiva da «identidade do ser e do saber». Essa demonstração está contida no mesmo acto do pensamento e é quanto basta. Mas, si pensar é affirmar a racionalidade do universo, e si, por outro lado, a razão está contida na uni-

dade do espirito e é della indissolúvel como o acto é indissolúvel da sua substancia, a *razionalidade* do universo presuppõe necessariamente uma semelhante unidade. A razão do universo presuppõe por conseguinte uma substancia de que seja acto; e essa substancia não pôde ser concebida sinão como fundamentalmente analoga ao espirito. Vê-se pois que, si é legítimo o emprêgo dos principios da razão como medida do mundo objectivo, tem de ser igualmente a generalisação das noções do nosso ser intimo, isto é, dos elementos fundamentaes do espirito tomado na sua unidade, como processo de interpretação da substancia occulta desse mesmo mundo. Aquelle mysterioso *noumenon*, que Kant procurou em vão pelo caminho da critica e declarou inatingível, existe em nós mesmos contêm-se no espirito, ou antes, é o proprio espirito. Será pois com a segurança da mais bem fundada indução e na região mais alta em que o processo inductivo pôde ser empregado, que a synthese do pensamento moderno partirá do conhecimento do espirito para o conhecimento do verdadeiro ser dessa apparencia phenomenal, que a concepção scientifica apenas deixa ver pelo seu lado exterior e mecanico.

Voltamos então, por este caminho, ao idealismo transcendental e ao methodo de *construção* da philosophia allemã do principio do século? Não voltamos. A critica desse methodo está feita, e tão bem feita, que não é crível que o *a-priorismo* possa ainda seduzir mais uma vez o pensamento moderno. Atraz deixei já expostos os principaes argumentos dessa critica.

Em todo o caso, o processo indicado nas tendencias do espiritalismo renovado e do neo-kantismo, que acima tentei esboçar, bem longe de ser uma volta ao *a-priorismo* transcendental, procede justamente da reacção do criticismo que o condemnou. Em primeiro lugar, esse processo, como ha pouco disse, é essencialmente inductivo; e, dada a natureza *sui generis* do problema da certeza, isto é, dada a constituição do entendimento humano, essa indução é, não só legitima, mas necessaria. Em segundo lugar, essa indução, não sendo mais do que uma indicação geral, não pôde substituir uma construção puramente especulativa aos factos da experiencia; tem, pelo contrario, de se deixar guiar por esses factos, recebendo-os na ordem e relações em que a experiencia, na sua forma systematica e definitiva, isto é, a sciencia, os apresenta. Resulta de tudo isto que este processo constitue propriamente uma interpretação da realidade no ponto de vista do espirito, e nada mais. O universo não é creado pela especulação; é anterior a ella e é a experiencia que lh'o fornece; mas fornece-lh'o como um symbolo obscuro que ella, a especulação, tem de interpretar á luz das noções da consciencia. Assim como só a consciencia explica a sensação, ponto de partida da sciencia, assim tambem só o espiritalismo que parte da consciencia, pôde explicar a concepção mecanica do universo, ultimo resultado da elaboração scientifica.

A metaphysica e a sciencia não são pois rivaes, mas collaboradoras na obra do conhecimento, e a concepção metaphysica e a scientifica não devem ser representadas como duas espheras oppostas, mas como dous circulos concentricos.

Finalmente, e como consequencia do que fica dito, só este processo tem o caracter do verdadeiro *realismo*; elle constitue o saber total, ao mesmo tempo positivo e metaphysico, experimental e especulativo, tomando o ser na sua unidade, da qual o espirito só arbitraria e violentamente pôde ser amputado, e na ordem do desenvolvimento dos seus momentos, dos quaes o espirito é o superior e typico.

Temos pois já conhecido o terreno da synthese do pensamento moderno, o dynamismo, e o processo adequado á realisacão della, a interpretação do mecanismo pelo psychismo.

Ora o ponto nodal dessa synthese (já por certo o leitor o percebeu) é aquella formidável antithese determinismo-liberdade, que

atrás indiquei ao esboçar a situação actual do problema philosophico. Mas esta antithese, considerando-se bem, está longe de ser tão formidável como parece á primeira vista, e o que já ficou dito da verdadeira natureza do espirito faz presentir o sentido da solução. O que vimos nós, com effeito? Vimos, em primeiro lugar, que a noção de *espirito* envolve as de *força* e de *causa*, e vimos, em seguida, que esta *força-causa* é aquelle typo da força, do qual, no ponto de vista synthetico a que somos chegados, temos de induzir a natureza intima de todas as forças, ainda as mais elementares e, na apparencia, mais completamente passivas. Por outras palavras: si todas as forças do universo são, no fundo, analogas ao espirito (a força-espirito) e participantes, em grau mais ou menos pleno, da sua essencia, todas ellas, sem excepção, teem de ser concebidas como essencialmente *forças-causas*.

Ora, dizer *força-causa* é dizer força cujas determinações partem radicalmente da sua mesma natureza e teem, para dentro da esphera dos motivos externos, apparentes e mecanicos, por verdadeiros motivos estados intimos. É dizer, por conseguinte, força espontanea. É pois no terreno da idéa de espontaneidade que se resolve a antithese determinismo-liberdade. Não ha ser totalmente passivo e em cujos actos so não envolve algum elemento, por infimo que seja, da sua natureza absoluta: não ha ser completamente determinado por outro e reduzido á uma nua forma sem essencia. Palpa em tudo uma vontade propria, a vontade de realizar o proprio fim. Ha pois alguma coisa de espontaneo em um accordo do ser com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos phenomenos mais elementares da materia, onde o determinismo mecanico parece triumphar. Ainda ali se mantem aquella communicacão do acto com a virtualidade e, no grau infimo do ser, se entrevê a idéa e o fim soberano. A pedra que caiu para o centro da terra, a molecula que se une á outra molecula, a gotta de agua que se vaporisa, o vapor que se condensa, não obedecem passivamente ás condições que determinam essas formas de actividade, porque não são ás condições que criam essa actividade em si mesma, nem ainda modalidade alguma della, mas é a natureza autonoma dos seres que, em dadas condições, produz aquella forma de actividade que a ellas corresponde, e está de accordo com as condições justamente porque está de accordo consigo mesma. Por outras palavras: o phenomeno antecedente não cria o consequente, é só *conflito* para que elle se produza. A *causa* do phenomeno está na mesma natureza do ser onde elle se dá, ou antes, do qual elle é essencial modalidade. A necessidade da determinação é pois interna e a lei, na sua constancia, exprime apenas a constancia daquelle accordo do ser consigo mesmo, que, em identicas relações, se manifesta por identicas modalidades. No fundo, o ser, ainda apertado no circulo mais estreito da condicionalidade exterior, é sempre causa: a sua idéa latente, a virtualidade da affirmacão plena de si mesm, que é o seu fim ultimo, vem já envolvida, como um presentimento, como um sonho obscuro, mas tenacissimo, nas suas determinações mais elementares.

É bem pouco ainda: as condições desse seu infinito desenvolvimento não dispõe dellas o ser nessas espheras intimas da realidade, não as cria, tirando-as de si mesmo, são-lhe dadas de fóra e impostas: a sua espontaneidade tem de se affirmar dentro desses estreitissimos limites. Esse pouco, porém, é quanto basta para alluir a esmagadora fatalidade do determinismo mecanico e para introduzir no seu mundo tenebroso o passivo um raio de luz e um raio de vida. Não é ainda a liberdade, no alto sentido espirital desta palavra: mas é o prenuncio della e o seu germen. Na espontaneidade inconsciente da materia está a raiz do que na consciencia e na razão se chama verdadeiramente liberdade.

A liberdade, no rigoroso sentido da palavra, é pois a espontaneidade quando plena,

isto é, quando o ser, não já espontaneo apenas na sua actividade exteriormente condicionada (o que sempre é, como acabamos de ver) o é ainda nessa mesma condicionalidade, creando conscientemente os motivos das suas determinações e creando-os em vista do proprio fim. Neste ponto culminante, o motivo da determinação identifica-se com a essencia e o fim do ser que se determina: este, conformando-se com o motivo, conforma-se exclusivamente consigo mesmo. A sua determinação é agora um facto absolutamente seu, é elle mesmo, na plenitude da sua essencia reflectindo-se na realidade, é essa essencia, substituindo-se a todas as leis exteriores, feita lei unica da sua actividade. Agora, quanto mais se determina, mais livre é, porque as suas determinações, motivadas só pelo seu proprio fim, não envolvendo elemento algum estranho á sua substancia e tirando della a sua materia e á sua forma, são actos perfeitamente adequados á sua potencia e outras tantas realisacões da sua mesma unidade. Agora, o determinarse já não é limitar-se: é expandir-se, é desdobrar-se indefinidamente em uma intima actividade, que, creando um mundo seu, se cria ao mesmo tempo com esse mundo. Mais um passo ainda e, nesse estado sublime, o universo phenomenal desaparece como uma phantasmagoria: a realidade unica verdadeira é agora o acto simples de um ser todo elle idéa pura e causa e fim da propria idéa, creador em todos os seus momentos e em cada um delles pleno e uno, como si a sua infinita virtualidade estivesse presente toda inteira em cada uma das suas determinações.

Este ser, que está todo em cada um dos seus actos, cuja essencia se substitue ao universo e cuja actividade não reconhece outros limites sinão as leis da sua propria natureza, realisa por certo o ideal de ser livre. É por isso tambem que é um ser só ideal. Deus, si Deus fosse possível, seria esse ser absolutamente livre. Mas, por isso que não é *real*, é que é *verdadeiro*. Elle é o typo da plenitude do ser, typo de que a nossa liberdade moral; aquella que com tamanhos esforços conseguimos realisar, é só vaga imagem, longinqua semelhança. Esse ideal da nossa essencia, esse eu do nosso eu, ultimo é mais profundo, é o centro de atracção de toda a vida espirital: é na união com elle que nos sentimos livres; livres na medida exacta dessa união. Segredo mais intimo do ser, mas tão sepulto na inconsciencia das cousas, não o descobre o mundo: revela-o a consciencia e é a razão o seu interprete soberano. Só pela razão somos verdadeiramente. Por ella so nos torna patente o mysterio da nossa intima actividade e nos conhecemos como força simples, espontanea e creadora das proprias determinações. Na plenitude dessa espontaneidade reconhecemos o nosso verdadeiro fim: elle se substitue, como motivo interno, ultimo e absoluto motivo, aos motivos exteriores. A vontade, condicionada agora só pela sua propria essencia, é livre. A lei da causalidade reduziu-se á lei da razão, dessa razão, que, exprimindo a verdade total do nosso ser, é ella mesma o mundo da liberdade. Liberdade, é certo, só virtualmente perfeita. Mas o acto limitado tem a sua raiz nessa virtualidade infinita; e quanto mais pela razão a vontade communica com essa região profunda e se identifica com o seu fim absoluto, tanto mais rico de elementos proprios é a sua determinação e tanto mais livre é. Fixando em si esses elementos do seu proprio ideal, esses principios geradores do seu espontaneo desenvolvimento, este pobre eu que somos, ou parecemos ser, tão estreitamente condicionado pelo organismo, pelos instinctos, pelas relações exteriores que o cumprimem em um circulo fatal, este pobre eu, que assim começa captivo o quasi esmagado, transpõe gradualmente esses limites, transborja, por assim dizer, sobre o mundo que o continha; substitue motivos proprios aos motivos alheios; faz-se fim onde era meio e, de particular e limitado, transforma-se finalmente no que se diria um outro eu, impessoal, absoluto, todo razão e vontade

pura. Identificado com o proprio ideal, só agora é elle mesmo. Não concebemos que outra cousa seja ser livre.

A liberdade tem pois, grãos. Si é só na consciencia que a conhecemos, o inconsciente não é todavia absolutamente destituído de razão. Deve, pois, encontrar-se já nelle algum elemento de liberdade, por infimo, por diminuto que seja. Entre os dous extremos a distancia é enorme, mas não tal que a intelligencia não possa transpola-la. Já vimos que a transpõe e por que caminho: não repetiremos o que ficou dito. Chamemos-lhe só espontaneidade, pois assim convem, a esse impulso obscuro que determina os movimentos moleculares, as simples attrações materiaes: mas não esqueçamos que esse impulso parte do centro do ser e que a espontaneidade é a propria raiz da liberdade.

Assim, pois, a distancia que vae da vaga espontaneidade da molecula, que vibra na attração ou repulsão de outra molecula, á liberdade do homem que se determina pela razão, não é incommensuravel: ella é a medida exacta da distancia que vae do momento inferior do ser ao superior, da força elementar e abstracta á força complexa e completa.

A todas ellas, elementares ou complexas, conscientes ou inconscientes, uma mesma vontade as anima: transpor o limite fatal, é ascender mais um grão na grande escala da realisação da sua infinita virtualidade. Eterno, immoto, absorvente, um mesmo typo de perfeição e plenitude, só diversamente inventivo —sonho, presentimento, idéa pura— é o centro commum de attração de todas as vontades dispersas, de todos os movimentos do universo. A cadeia universal das existencias, na sua prodigiosa espiral de espiraes, apparece-nos como a ascensão dos seres á liberdade, na qual descobrimos a causa final de tudo.

Assim se dissipa, á luz do espirito, a grande illusão do mecanismo. Formula da percepção elementar, dando só o aspecto abstracto das cousas, reduz-se propriamente ao systema das condições exteriores da actividade dos seres e á ordem das suas relações formaes. Para além desta abstracção do mecanismo, está a vida propria dos seres, a sua substancia activa, o mundo das causas effectivas, a razão concreta daquella ordem formal e o fim immanente na espontaneidade das forças. Onde o mecanismo vê transformação de forças, vê a razão correlação de estados, que derivam de energias intimas e as exprimem como modalidades suas, momentos logicos do seu desenvolvimento.

Tanto basta para que o quadro da realidade desenhado pela philosophia scientifica da natureza, visto a uma luz nova, nos appareça como que transfigurado. Os traços são os mesmos, a expressão é inteiramente outra. Interpretado pelo espirito, espiritualisou-se.

A evolução universal só agora é intelligivel: parte de uma verdadeira causa—a virtualidade infinita de ser; dirige-se a um fim—a realisação dessa virtualidade, a plenitude e perfeição do ser.

A sua lei não é fatal, cega, inexpressiva: analogá á razão, é uma lei racional. Porque é uma razão immanente que preside a esse universal movimento, que se exprime nelle, que nelle palpita. Uma idea instinctiva lateja surdamente, como uma pulsação de vida, nesse universo que a sciencia mede e pesa, mas não explica: é a aspiração profunda de liberdade, que abala as moles estellares como agita cada uma das suas moleculas, que anima o protoplasma indeciso como dirige a vontade dos seres conscientes. E' esse fim soberano, realisação em espheras cada vez mais largas, que torna effectiva a evolução das cousas. Por elle, essa evolução, não já puramente formal e apparente, mas real, substancial, é um verdadeiro progresso: ca-la nova esphera de desenvolvimento traduz um augmento de ser, algum novo elemento, até então só virtual, adicionado agora á realidade. feito forma, acção e lei no universo. Por um gradual desdobraimento da sua infinita virtualidade, o ser—causa, immanente nas formas li-

mitadas, junta ao typo inferior preexistente esse quid novo e diverso, com que produz o typo superior.

Este não é só formalmente, ou só na ordem de successão: é o substancialmente e em toda a verdade, porque é mais rico de idéa, mais completo de relações e mais livre, porque realisa mais plenamente o fim commum, porque em uma palavra, contém mais ser.

E' só assim que o concreto pôde sair do abstracto, o complexo do simples; não porque o concreto e o complexo sejam, como os representa a abstracção materialista, uma mera accumulacção de simples e abstracto e já nelles se contivessem, mas pela virtude daquelle principio de diversidade e superioridade, desentranhado das profundezas do ser, que se lhe veio juntar a fecundal-os. E' pois o typo superior que explica o inferior, é para aquelle que este gravita, é a sua irresistivel attração que o faz mover-se, procurando realisar a idéa mais alta que elle representa.

(Continua.)

## NOTICIARIO

**Daltonismo**—Esta affecção da vista, scientificamente conhecida pelo nome de achromatopsia, que impede distinguir normalmente as cores, será um producto da civilisação? As ultimas experiencias dos Srs. Blake e Franklin, da universidade de Kansas, parecem proval-o.

Das 159.732 pessoas observadas na Europa e na America os daltonicos eram na proporção de 4 por 100. Indios de diversas tribus, submettidos ás mesmas observações, apenas deram tres daltonianos para 318 individuos, isto é, 0,7 por 100. Todos os individuos observados eram puros pelle-vermelhas, e como nos povos civilisados reconheceu-se que os homens soffrem muito mais dessa enfermidade do que as mulheres.

Aos estudiosos recommendamos o magnifico artigo sobre o assumpto publicado em novembro de 1858 pela *Revista Britannica*.

**Matadouro de Santa Cruz**—Concorreram hontem á matança os seguintes marchantes, que abateram:

Pimenta Lemos & Comp.....	13	rezes
Manoel Cruz.....	154	>
Horacio José Lemos.....	83	>
Manoel Cardoso Machado.....	7	>
Hilario Garcia & Comp.....	7	>
Francisco Cardoso Machado.....	5	>
Carlos Pimenta & Comp.....	47	>

Total da matança..... 316 rezes

Abateram-se mais:

Antonio Pereira dos Santos.	37	carneiros
Manoel Cardoso Machado...	1	porco
Peso total verificado.....	61.342	kilos

O preço da carne de vacca, em S. Diogo, será de 800 réis o kilo; da de carneiro, 1\$300, e da de porco, 1\$350.

O preço nos açougues, de accordo com o termo de obrigação tomada pelos retalhistas com a administração municipal, será de 900 réis o kilo.

**Molestias da amoreira**—Já mais decorre longo tempo sem que se descubram novas molestias, novos inimigos nos mais uteis vegetaes: arvores fructiferas, plantas industriaes, vegetaes de todas as especies teem, a nossa semelhança, horas aziagas e acham-se expostos a varias enfermidades. Os Srs. Boyer e Lambert assignalaram ha pouco duas novas molestias observadas na amoreira branca, uma causada por uma bacteria e a outra por um cogumello. A primeira, devida a uma bacteria denominada *Bacterium mori*, é terrivel para as novas amoreiras dos viveiros, porque impede o desenvolvimento dos ramos compromettendo a existencia do arbusto, Manifesta-se por manchas pardas escu-

ras disseminadas pela face inferior das folhas e pelos ramos. As manchas destes, de formas e dimensões variaveis, são as mais das vezes ovaes, alongadas no sentido do comprimento dos ramos e podendo invadi-los completamente. Deprimem-se em direcção do grande eixo e cavam-se sob a forma de feridas, mais ou menos profundas, penetrando ás vezes até ao centro. Nas folhas observa-se a mesma marcha. No parenchyma, são menos extensas e muito cerradas. As lesões formadas pela sua reunião perdem a côr de ferrugem e tomam um colorido preto.

Os Srs. Boyer e Lambert produziram artificialmente, pela inoculação do parasita tirado dos ramos, as manchas do parenchyma e das folhas. As culturas da bacteria, em placas, sobre meios artificiaes solidos, deram colonias hemisphericas branco-hyalino a principio e depois amarellas.

A outra molestia produzida por um cogumello é, parece, mais commum que a precedente; annualmente faz desaparecer grande numero de arvores em todas as partes da região sericicola da França. Manifesta-se pelo definhamento e secca dos rebentos na ponta dos ramos, propaga-se para a base invadindo successivamente os ramos principaes, o tronco e finalmente as raizes,

Os Srs. Boyer e Lambert ainda não puderam determinar esse cogumello. Proseguem em suas pesquisas sobre as duas novas molestias.

**Abastecimento de agua**—Extracto dos boletins diarios dos engenheiros dos districtos da Inspeção Geral das Obras Publicas, relativo ao abastecimento de agua.

No dia 16 de dezembro de 1893:

Tinguá e Commercio.....	68.515.000
Maracanã e afluentes.....	21.833.000
Macacos e Cabeça.....	15.126.000
Carioca e morro do Inglez.....	8.785.000
Andarahy e Tres Rios.....	10.015.000
Além das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu....	3.655.000
Morro da Viuva.....	664.000

No dia 17:

Tinguá e Commercio.....	68.515.000
Maracanã e afluentes.....	19.996.000
Macacos e Cabeça.....	14.794.000
Carioca e morro do Inglez.....	8.099.000
Andarahy e Tres Rios.....	10.015.000
Além das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu....	3.655.000
Morro da Viuva.....	678.000

No dia 18:

Tinguá e Commercio.....	67.824.000
Maracanã e afluentes.....	19.936.000
Macacos e Cabeça.....	14.794.000
Carioca e morro do Inglez.....	7.903.000
Andarahy e Tres Rios.....	10.015.000
Além das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu....	3.655.000
Morro da Viuva.....	657.000

No dia 19:

Tinguá e Commercio.....	67.824.000
Maracanã e afluentes.....	19.832.000
Macacos e Cabeça.....	14.523.000
Carioca e morro do Inglez.....	8.155.000
Andarahy e Tres Rios.....	9.832.000
Além das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu....	3.655.000
Morro da Viuva.....	671.000

No dia 20:

Tinguá e Commercio.....	69.293.000
Maracanã e afluentes.....	19.811.000
Macacos e Cabeça.....	14.296.000
Carioca e morro do Inglez.....	7.918.000
Andarahy e Tres Rios.....	9.413.000
Além das outras derivações antes do Pedregulho, o reservatorio de S. Christovão recebeu....	3.655.000
Morro da Viuva.....	643.000

**Correio**— Esta repartição expedirá hoje malas pelos seguintes paquetes :

Pelo *Roma*, para Bahia, Antuerpia e Hamburgo, recebendo impressos até ás 7 horas da manhã, cartas para o interior até ás 7 1/2, ditas com porte duplo e para o exterior até ás 8 idem.

Pelo *Clude*, para Bahia, Maceió, Pernambuco, Lisboa, Vigo, Southampton e Antuerpia, recebendo impressos até ás 10 horas da manhã, cartas para o interior até ás 10 1/2, ditas com porte duplo e para o exterior até ás 11, objectos para registrar até ás 10 idem.

Pelo *Horrox*, para Nova York, recebendo impressos até á 1 hora da tarde, cartas para o exterior até ás 2, objectos para registrar até á 1 idem.

Pelo *Graf Bismarck*, para Bahia, Lisboa, Antuerpia e Bremen, recebendo impressos até ás 9 horas da manhã, cartas para o interior até ás 9 1/2, ditas com porte duplo e para exterior até ás 10 idem.

**Santa Casa da Misericórdia**  
— O movimento do hospital da Santa Casa da Misericórdia, dos hospícios de Nossa Senhora da Saude, de S. João Baptista, de Nossa Senhora do Socorro e de Nossa Senhora das Dores, em Casadoura, foi, no dia 24 do corrente, o seguinte :

	Nac.	Est.	Total.
Existiam.....	667	734	1.401
Entraram.....	14	8	22
Sahiram.....	5	8	13
Falleceram.....	1	4	5
Existem.....	675	730	1.405

O movimento da sala do banco e dos consultorios publicos foi, no mesmo dia, de 234 consultantes, para os quaes se aviaram 393 receitas.

Fizeram-se nove extrações de dentes e nove obturações.

**Obituario**—Sepultaram-se no dia 24 do corrente as seguintes pessoas, fallecidas de :

Anthrepsia—o fluminense João filho de Joaquim de Almeida, 2 annos, residente e fallecido á rua D. Anna Nery n. 51.

Arterio sclerose—o francez David Levy, 36 annos, casado residente e fallecido á rua de S. Manoel n. 41.

Ataque angospetoris—o brasileiro Dr. Antonio da Rocha Miranda e Silva Junior, 64 annos, solteiro, residente e fallecido á rua do Frei Caneca n. 360.

Aortite chronica—o brasileiro Antonio Vicente da Silva, 53 annos, casado, residente no Engenho Novo e fallecido na Santa Casa.

Bronchite capillar—a fluminense Ambrosina, filha de Raymundo Faustino Oliveira, 6 mezes, residente e fallecido á rua D. Anna Nery n. 92.

Broncho pneumonia—a fluminense Cacilda filha de Alfredo Alencastro Cordeiro, 3 mezes, residente e fallecida no morro da Saude n. 2.

Diabetes—a brasileira Leopoldina Isabel Verna de Magalhães Barbosa, 76 annos, residente e fallecida á rua do Barão do Bom Retiro n. 32.

Dysenteria—o portuguez João Rodrigues, 70 annos, solteiro, fallecido no Hospicio de Alienados.

Esmagamento do pé—o hespanhol Francisco Laurindo Iponibo, 14 annos, solteiro, residente no Sampaio e fallecido na Santa Casa.

Enterite aguda—o fluminense Nilo, filho do tenente Manoel Neves, 4 mezes, residente e fallecido no largo de Moura.

Lesão cardiaca—a fluminense Alexandrina Francisca de Souza, 97 annos, viuva, residente e fallecida á rua Conde d'Eu n. 242.

Mal de Bught—o brasileiro Miguel Antonio Dias, 64 annos, viuvo, residente e fallecido á rua D. Carolina Reydwor n. 5.

Peritonite—o brasileiro Arthur Gonçalves Portellinha, 13 annos, fallecido na Santa Casa.

Schirrhose do fígado — a fluminense Anna Rosa do Espirito Santo, 64 annos, viuva, residente e fallecida á rua Leopoldo n. 31.

Stomatite miliar — a fluminense Esmeria, filha de Domingas Godoy, 7 dias, residente e fallecida á rua da Passagem n. 100.

Syphillis cerebral—o brasileiro Manoel Gal-dino Alves, 33 annos, casado, residente e fallecido á rua da Floresta n. 26.

Tetano dos recém-nascidos — o fluminense Manoel, filho de Gaspar Barbosa, 14 dias, residente e fallecido á rua Barão de Ubá n. 9.

Tuberculos mesentericos — o fluminense Francisco, filho de Sebastião Soares Cardozo, 7 mezes, residente e fallecido á rua dos Arcos n. 16.

Tuberculos pulmonares — os fluminenses Otilia Pereira Leitão, 21 annos, solteiro, residente e fallecido á rua de Itapagipe n. 13 ; Antonio José da Costa, 40 annos, solteiro, fallecido na Santa Casa, Total, 2.

Entero colite—o fluminense Joaquim filho de Isaul Pedro Vieira, 3 mezes, residente e fallecido á rua S. Luiz Gonzaga n. 330.

Ferimento por arma de fogo—João Guilherme Hyer, 23 annos, solteiro e fallecido na brigada policial; Vicente Fructuoso dos Santos, 26 annos, fallecido no Hospital de Sangue na Praça da Republica ; o brasileiro general João Baptista da Silva Telles, 49 annos, casado, fallecido no hospital da brigada policial. Total, 3.

Febre amarella — o portuguez Francisco Manoel da Silva, 10 annos, residente e fallecido á rua da Prainha n. 23.

Febre pernicioso—o fluminense Armando filho de Manoel Joaquim Valladão, 4 mezes, residente e fallecido á rua de Anna Nery n. 226 ; José Aro, 28 annos, solteiro, fallecido no Hospicio da Saude. Total, 2.

Febre gastrica—o fluminense Francisco Ferraz Bastos Ribeiro, 39 annos, casado, residente e fallecido á rua do Boulevard de Villa Izabel n. 14.

Febre consumptiva — a africana Maria Josepha, 78 annos, solteira, residente e fallecida á rua da Prainha n. 186.

Gastro enterite—o fluminense Waldemiro filho de Raymundo Feleciano Freire, 16 mezes, residente e fallecido á rua Luarta.

Lesão dupla do orificio mitral—as fluminenses Maria Amalia Petra Padilha, 63 annos, viuva, residente e fallecida á rua Visconde de Itauna n. 273; Cecilia Pereira de Souza, 18 annos, residente e fallecida á rua de Todos os Santos n. 46 ; Oympio Francisco Cerejeira, 26 annos, solteiro, residente e fallecida na travessa do Pedregais n. 9 ; João Leite da Silva Guimarães, 24 annos, casado residente e fallecida á rua de D. Pedro n. 143 ; Julia filha de Justino José Garcia, 9 annos, residente e fallecida á rua do Livramento n. 139. Total, 9.

Fetos—um filho de Manoel Virginio dos Anjos, Praia Formosa n. 245 ; um filho de Maria Cortez Claubo, rua Souza Neves n. 20 ; um filho de Angelica Rita Conceição, rua da Floresta n. 10 ; um filho de Aurelio Joaquim Teixeira, rua dos Cajueiros n. 56 ; um filho de Balbino Francisco Oliveira, rua da Lapa n. 85. Total, 5.

No numero dos 40 sepultados estão incluídos 10 indigentes, cujos enterros foram gratuitos.

**EDITAES E AVISOS**

**Ministerio da Justiça e Negocios Interiores**

**DIAS DE AUDIENCIA**

O Sr. ministro, da justiça e negocios interiores dará audiencia ás quartas e sextas-feiras, das 2 ás 3 horas, exclusivamente.

**Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas**

**AUDIENCIA**

S. Ex. o Sr. ministro por motivo de serviço publico, não pôde dar audiencia na proxima quarta-feira, 27 do corrente.

Directoria Geral da Contabilidade, 25 de dezembro de 1893.—O director geral interino. J. J. N. Sayão Lobato.

**Ministerio da Justiça e Negocios Interiores**

**PROPOSTAS**

De ordem do Sr. Dr. engenheiro encarregado das obras deste ministerio, recebem-se propostas em carta fechada, até o dia 2 de janeiro vindouro, ao meio dia, no escriptorio da rua da Relação n. 6, para o fornecimento de materiaes necessarios ás obras deste ministerio, durante o 1º trimestre (janeiro a março) do proximo anno.

Os Srs. concurrentes encontrarão no mesmo escriptorio, a relação dos materiaes a fornecer.

Escripatorio do engenheiro, 15 de dezembro de 1893.—O escripturario, Antonio D. dos Santos.

**Intendencia da Guerra**

**FORNECIMENTOS DE PEÇAS DE FARDAMENTO**

De ordem do Sr. major intendente interino, faço publico que na Repartição de Quartel Mestre General se recebem propostas no dia 26 do corrente, até ao meio dia, para a compra das peças de fardamento abaixo especificadas:

- 3.000 Calças de panno azul com lista para cavallaria e infantaria.
- 10.000 Calças de brim branco liso.
- 5.000 Calças de brim escuro regular trancado.
- 5.000 Blusas de brim escuro para cavallaria e infantaria.
- 3.000 Blusas de panno azul para cavallaria e infantaria.
- 5.000 Pares de meias de algodão ns. 9 a 10.
- 5.000 cobertores de lã encarnada.

Essas peças de fardamento serão de tres tamanhos diferentes iguaes aos modelos adoptados e entregues no menor prazo possivel.

Os proponentes, sob pena de não serem tomadas em consideração as suas propostas, deverão apresentar amostras das fazendas para a manufactura do fardamento que pretendem fornecer.

As propostas serão em duplicata com referencia a um só artigo, e deverão conter a declaração de sujeitar-se o proponente a multa de 5 %, no caso de recusar-se a assignar o contrato dos artigos que lhes forem acceitos.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1893.— Servindo de secretario, Alexandre da Silva Vaz Lobo, 1º official.

**ASSIGNATURA DE CONTRACTO**

Os Sr. Vicente da Cunha Guimarães e Benjamim Pinto de Gouveia são convidadós a comparecer na secretaria desta repartição, á rua de S. Pedro n. 232, afim de firmarem o contracto dos artigos que lhes foram acceitos pelo Sr. general de divisão Quartel-Mestre General.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1893.— Servindo de secretario, o 1º official, Alexandre da Silva Vaz Lobo.

**HABILITAÇÕES**

Tendo-se brevemente de annunciar o recebimento de propostas para o fornecimento de diversos artigos durante o 1º semestre do anno de 1894, de ordem do Sr. major intendente interino convido ás pessoas que o queiram fazer a habilitarem-se previamente na secretaria desta repartição, á rua de S. Pedro n. 232, na fórma do regulamento em vigor.

Para aquellas que já se acham habilitadas bastará exhibir em requerimento dirigido ao conselho de compras, o bilhete de imposto pago no Thesouro Federal relativo ao ultimo semestre.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1893.— Servindo de secretario, o 1º official, Alexandre da Silva Vaz Lobo.

**Intendencia da Guerra**

De ordem do Sr. major intendente da guerra interino, convido aos cidadãos Leopoldo Antunes, de Figueireda e João Joaquim Gomes, amanuense e porteiro dessa secretaria, a comparecer na mesma, á rua de S. Pedro n. 232, dentro do prazo de oito dias, a contar da data deste edital, sob pena de serem considerados como tendo abandonado os respectivos empregos.

Secretaria da Intendencia da Guerra, 19 de dezembro de 1893.—Servindo de secretario, o 1º official, *Alexandre da Silva Vas Lobo.*

**Collegio Militar**

O conselho economico em sessão de 26 do corrente mez, recebe propostas para o fornecimento dos artigos abaixo declarados no anno de 1894, a saber:

Gorros de brim pardo, gravatas de seda preta com laço, calças de brim pardo, dolmans de brim pardo, calças de brim branco, camisas brancas com collarinhos, ceroulas de cretonne, meias cruas, lenço branco (duzia), camisolas de morim para dormir, camisas de flanelia para dormir, colchão de clina vegetal com 1<sup>m</sup>.76 de comprimento e 0.66 de largura, travesseiro de pãna com 0.55 de comprimento e 0.33 de largura, lençol de cretonne com 2<sup>m</sup>.10 de comprimento e 1<sup>m</sup>.25 de largura, fronha lisa de 0.56 de comprimento e 0.35 de largura, colchas de chita com 2<sup>m</sup>.14 de comprimento e 1<sup>m</sup>.06 de largura, colchas brancas com 2<sup>m</sup>.14 de comprimento e 1<sup>m</sup>.06 de largura, cobertor de lã encarnada com 1<sup>m</sup>.90 de comprimento e 1<sup>m</sup>.30 de largura, toalha felpuda para rosto, dita para banho, guardanapos, duzia; botinas de couro branco, dita de verniz, dita de bezerro, chinello de couro, calção para banho, escovas para dentes, pente fino, pente de alisar e tesouras para unhas.

Os proponentes deverão apresentar amostras dos objectos que pretenderem fornecer. Capital Federal, 20 de dezembro de 1893.—*José Aniano Bezerra Cavalcanti*, tenente quartel-mestre.

**Collegio Militar**

O conselho economico deste collegio precisa contractar para o futuro semestre, de janeiro a junho de 1894, o fornecimento dos objectos abaixo declarados, a saber: cada um, vidro de de colla liquida, dito de tinta comum, ampulhetas para cinco e 10 minutos, pequenas raspadeiras Rodgers, canivete do mesmo fabricante, regoas chatas de borracha, ditas quadradas de madeira, livros em branco de papel fume de 50 a 200 folhas, compassos de madeira para pedra, escrevaninhas portateis, limpa-pennas, pastas de oleado, thesoura para papel, tympanos, rolos de barbante, godets, esponjas grandes, pesos para papel, livros em quarto, ditos alphabetados, facas para cortar papel, páos de nankim, em resma; papel marcado para officios, dito almago fino e pautado, dito liso e dito com pauta estreita, em caixa, papel diploma marcado e sem marca com envelopes, ditos sem marca com envelopes, penas Mallat e de albuminium ns. 10 e 12, lácre vermelho, colchetes, giz quadrado e redondo, sbreias grandes em cento, envelopes marcados para officios 25 x 12, ditos idem saccos, em mão, papel cartão, mata-borrão, e para embrulho; em duzia, flechas grandes, lapis preto-Faber, ditos bi-colores, ditos de borracha, canetas superiores; em litro, tinta Bleu-Black e Sardinha.

Os interessados deverão apresentar as suas propostas, ao dito conselho, na quinta-feira 28 do corrente, ás 11 horas da manhã, assignadas, selladas e com declaração dos ultimos preços de cada artigo, em cartas fechadas ás quaes deverão acompanhar as respectivas amostras.

Secretaria do Collegio Militar, 23 de dezembro de 1893.—Tenente, *Carlos Cavalcanti de Albuquerque*, secretario interino.

**Prefeitura do Districto Federal**

**Directoria do Patrimonio**

**TERRENOS DE MARINHA MARGINAES AS TERRAS DO CAMORIM**

De ordem do Dr. prefeito do Districto Federal, faz-se saber que tendo a municipalidade de proceder a reconhecimento e demarcações de terrenos de marinha marginaes das terras de Camorim, situadas nas freguezias de Jacarépaguá e Guaratiba, desde a barra da Tijuca até ao alto Camorim e sacco do mesmo na Guaratiba, convida-se a todos aquelles que tiverem titulos de aforamentos ou outros quaesquer que estabeleçam posse legal a comparecerem nesta directoria até ao dia 31 do corrente, munidos desses documentos, afim de provarem seus direitos dos referidos terrenos, cumprindo observar que findo esse prazo nenhuma reclamação será attendida, dispondo a municipalidade dos referidos terrenos conforme for de seu interesse.

Directoria do Patrimonio, 5 de dezembro de 1893.—O director, *Luiz Antonio Navaror de Andrade.*

**AFORAMENTO DE TERRENOS**

De ordem do cidadão Dr. prefeito do Districto Federal, faço publico, para conhecimento dos interessados, que D. Helena Ferreira Baptista, requereu titulo de aforamento de um terreno devoluto no Engenho Novo á rua Fernandes cantô da rua Propicia; por isso convido a todos aquelles que forem contrarios a essa pretensão a apresentar-se nesta repartição no prazo de 30 dias, com documentos que provem seus direitos, findo o qual a nenhuma reclamação se attendera, resolvendo o mesmo Dr. prefeito como for do direito.

Directoria do Patrimonio, 4 de dezembro de 1893.—O director, *Luiz Antonio Navaror de Andrade.*

**2º districto de S. José**

**AGENCIA DA PREFEITURA**

De ordem do Sr. agente, faço publico, para conhecimento dos interessados, que no dia 26 do corrente ás portas do Deposito Publico, na praça da Republica, ao meio-dia, serão vendidos em leilão um taboleiro, contendo doces, e o competente cavalete, si até aquella data não se apresentar o infractor que, pagando a respectiva multa e mais despezas, lhe será entregue.

O escrivão.—*Christovão Gonçalves de Moura.*

**Tribunal Civil e Criminal**

**CAMARA COMMERCIAL**

De notificação aos accionistas da Companhia Brazil Agricola abaixo descriptas, para dentro do prazo de um mez, que correrá da primeira publicação deste, satisfazerem ás respectivas entradas que devem, correspondentes as suas acções sob as penas da lei.

O Dr. Julio de Barros Raja Gabaglia, juiz substituto legal do Dr. Salvador Antonio Moniz Barreto de Aragão, em exercicio na Camara Commercial do Tribunal Civil e Criminal da Capital Federal, etc.

Faz saber aos que o presente edital de notificação virem que, por parte da Companhia Brazil Agricola, foi apresentada a petição do teor seguinte: Illm. Sr. Dr. Salvador Moniz ou ao Illm. Sr. Dr. Gabaglia, seu substituto.—A Companhia Brazil Agricola, em cumprimento ao accordão da Camara Commercial, que julgou nulla a notificação aos accionistas, por não terem sido publicados os editaes nos dous jornaes, dentro dos 30 dias, requer a V. Ex. em rectificação do procurado, que se passem novos editaes, assignando-se novo prazo, tudo nos termos e para os fins anteriormente requerido, e assim.—E. R. M. Rio, 12 de dezembro de 1893.—O advogado *Evaristo da Veiga Gonzaga*. Estava devidamente inutilizada uma estampilha no valor de 200 réis. Sobre o que foi proferido o seguinte despacho:

Sim. F. Rio, 14 de dezembro de 1893.—*Gabaglia*. A lista a que se refere a petição anterior é do teor seguinte: Relação dos accionistas cujas acções entraram em commissão—Barão da Lagoa, Antonio, 10 acções, 25%, 500\$; Antonio Augusto de Carvalho, 10 acções, 25%, 500\$; Carlos Alexandre Steel, 10 acções, 25%, 500\$; Francisco José Corrêa Quintella, 10 acções, 5%, 100\$; Visconde de Carvalhaes, 30 acções, 5%, 300\$; Manoel J. Vieira de Carvalho, 10 acções, 5%, 100\$; A. A. da Silva Pinto, 25 acções, 5%, 250\$; Banco Luzo Brasileiro, 2,210 acções, 5%, 22,100\$; Heitor Rádmaker, 25 acções, 5%, 1,250\$; Juvenal Damasceno, 25 acções, 5%, 1,250\$; Francisco Gonçalves Pereira, 25 acções, 25%, 250\$. Total, 27,100\$. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1893.—Pela Companhia Brazil Agricola, Dr. Carlos Teixeira, presidente. Estava devidamente inutilizada uma estampilha no valor de 200 réis. Reconheço verdadeira a firma supra. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1893. Em testemunho de verdade (estava o signal publico).—*Evaristo Valle de Barros*. Pelo que são notificados os accionistas acima descriptos, para sciencia de que, dentro do prazo de 30 dias, que correrá da primeira publicação deste edital, são obrigados a satisfazerem a Companhia Brazil Agricola as entradas que se acham devendo correspondentes as suas acções, visto não terem feito por occasião da respectiva chamada, sob pena de serem as acções vendidas em publico leilão, pelo preço da cotação dellas na occasião deste, por conta e risco dos notificados, para pagamento de seus debitos a mesma companhia, podendo esta, caso não sejam ellas vendidas por falta de comprador, declarar-as perdidas, tudo nos termos da petição acima transcripta e lei vigente. Para constar passou-se este e mais tres de igual teor, que serão publicados no *Diario Official* e no *Jornal do Commercio*, folhas de maior circulação nesta capital, séde da companhia supplicante, dez vezes durante um mez, e affixados na fôrma da lei, de cuja affixação o porteiro dos auditorios lavrará a competente certidão para ser junta aos respectivos autos. Dado e passado nesta Capital Federal, aos 15 de dezembro de 1893. E eu, Antonio Lopes Domingues, escrivão, o subscrevi.—*Julio de Barros Raja Gabaglia*.

**ANNUNCIOS**

**Imprensa Nacional**

Acha-se á venda nesta repartição um folheto contendo a lei n. 35 de 26 de janeiro de 1892 que estabeleceu o processo para as eleições federaes, acompanhada das leis e decretos relativos ao mesmo assumpto, posteriormente publicados.

Preço 1\$000.

**Diario Official**

A partir de 1 de janeiro proximo futuro, a assignatura do *Diario Official* fica elevada a 24\$ annuaes ou 12\$ por semestre.

As assignaturas podem começar em qualquer tempo, mas terminarão sempre em junho ou dezembro de cada anno.

Os Srs. assignantes queiram mandar reformar as assignaturas para não haver interrupção na reinessa da folha.

Os Srs. assignantes do art. 29 do regulamento vigente hajam de communicar a administração si desejam ou não continuar com a assignatura que, de conformidade com o dito regulamento approvado pelo decreto n. 1541 C de 31 de agosto ultimo, fica plevada 1\$500 mensaes, a par de janeiro futuro.